

As (des)governanças planetárias frente ao Coronavírus: "líderes-massa" e "líderes-especial"

Francisco Estefogo¹

Resumo

O Coronavírus, novo flagelo da humanidade, desnuda as atribuições de liderar um país em plena crise sanitária. As dificuldades para as nações contornar as drásticas consequências da COVID-19 são dantescas. A aflição decorrente do claudicante cenário econômico, bem como das inúmeras mortes e das paisagens indelévelis nunca antes vistas nos grandes centros urbanos do mundo impõem-se como algumas das maiores contrariedades para as grandes lideranças mundiais administrar. Dentre os procedimentos de alguns líderes, o mundo tem assistido atuações governamentais bem-sucedidas. Contudo, há deslizos que têm alarmado as autoridades sanitárias, médicos e especialistas e, certamente, a população mundial. Pautado no pensamento de Gasset (1883 - 1955), este ensaio entende que essas governanças e desgovernanças poderiam ser examinadas a partir dos conceitos “homem-massa” e “homem-especial”. O objetivo deste ensaio é refletir sobre os direcionamentos que algumas das principais lideranças planetárias têm tomado frente à pandemia, a partir dos pressupostos filosóficos de Gasset.

Palavras-chave: COVID-19; lideranças mundiais; homem-massa; homem-especial; Gasset

Abstract

The new scourge of humanity unfolds the tribulations of leading a country in the midst of a health crisis. The difficulties for nations to overcome the drastic consequences of COVID-19 are daunting. The affliction resulting from the faltering economic scenario, the countless deaths and the indelible landscapes never seen before in the great urban centers of the world impose as some of the greatest setbacks for the great world leaders to manage. Among the procedures of some of them, the world has witnessed successful governmental actions. However, some slips have alarmed health authorities, doctors and specialists and, certainly, the world population. Grounded in Gasset's concepts (1883 - 1955), this essay understands that these governances and misgovernances could be examined through the concepts “mass-man” and “special-man”. The purpose of this

¹ Pós-doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Diretor acadêmico da Cultura Inglesa Taubaté e professor do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens Emancipatórias (GEPL- UNITAU). Um dos líderes do Grupo de Estudos Agentes Pesquisadores e Promotores de Reflexão da Cultura Inglesa sobre Ensino-Aprendizagem (A.PR.E.C.I.E – FACULDADE CULTURA INGLESA). Pesquisador do programa DIGITMED Hiperconectando Brasil, da PUC-SP, e graduando em Filosofia pela Faculdade Dehoniana. franestefogo@uol.com.br. <https://orcid.org/0000-0003-2852-8678>

article is to reflect on the directions that some of the main planetary leaders have taken in the face of the pandemic, based on Gasset's philosophical assumptions.

Keywords: COVID-19; world leaders; mass man; special man; Gasset

Introdução

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a pandemia da COVID-19 é o maior desafio desde a 2ª Guerra Mundial. As finanças, os padrões de consumo e de ensino, a saúde pública, o esforço hercúleo pelo isolamento social, a atividade econômica e os relacionamentos são alguns dos desafios a serem enfrentados. Mais particularmente, dentre outras ações emergentes dos grandes líderes do planeta, é preciso programar medidas de emergência para proteger milhares de empregos, sobretudo nos setores do turismo e aviação; estímulos econômicos de emergência também precisam ser aprovados, particularmente, devido à má distribuição de renda e, portanto, a avassaladora desigualdade social. No mais, restaurar as falhas do sistema de saúde também se torna imperativo e, certamente, conter o alto nível de contágio do vírus, principalmente entre os cidadãos mais vulneráveis, como os idosos, os profissionais da saúde e o incontingente incalculável de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza. De acordo com as previsões da ONU, num futuro bem próximo, mais de 265 milhões passarão fome.

As condutas que saboreiam o triunfo da (quase) vitória sobre o vírus normalmente estão pautadas no esforço, na racionalidade, na prudência, na organização, bem como em posições técnicas com bases científicas. Dito de outra forma, a dinâmica do vírus, para esses líderes, em particular, impõe um estado de governança firme e cauteloso. Na contramão, a ação do vírus escancara a desgovernança de alguns chefes de estado pelo mundo afora. O fracasso no combate à pandemia em algumas nações é decorrente de posturas tíbias em relação à negação da ciência, à improvisação, à prepotência, à falácia descabida, assim como ao desprezo à gravidade da moléstia, a opiniões diferentes, dentre outros feitos irresponsáveis e irreversíveis.

Pela perspectiva filosófica de José Ortega y Gasset (1883 - 1955), filósofo, ensaísta, jornalista e ativista político espanhol, este ensaio entende que essas governanças e desgovernanças planetárias, oriundas do arrebatamento do implacável vírus, poderiam ser examinadas a partir dos conceitos “homem-massa” e “homem-especial”. Em linhas gerais, o indivíduo “massa” se refere ao sujeito que, normalmente movido pelo sentimento de ódio, pela perversidade, bem como por calúnias e falsidades, mostra-se apto e pleno para opinar, a todo instante e em qualquer circunstância, sobre qualquer

tópico, sem embasamento teórico, científico, racional, tampouco filosófico. Trata-se de um sujeito limitado e com noções obscuras sobre a própria circunstância. Na contramão desse tipo de indivíduo, produto da industrial cultural moderna (HORKHEIMER & ADORNO, 2002), Ortega concebe o “homem-especial²”. Refere-se ao indivíduo consciente da sua incompletude, uma vez que é conhecedor de sua contingência limitada. Age ativamente com esforço (HELENO, 2019), racionalidade e baseado na liberdade de criação.

O objetivo deste ensaio é refletir sobre os direcionamentos que algumas das principais lideranças planetárias têm tomado frente à pandemia, a partir dos pressupostos de José Ortega y Gasset, considerado o maior filósofo da Espanha do século XX. Para tanto, este ensaio se organizará da seguinte forma: primeiro serão feitas as discussões filosóficas relacionadas aos conceitos de “homem-massa” e de “homem-especial”, pela perspectiva da teoria orteguiana da razão vital e histórica. Na sequência, serão elencadas as ações das lideranças mundiais, frente ao combate ao vírus, de modo que sejam examinadas pela ótica dos conceitos de Ortega. Por final, à luz das formas pelas quais as atitudes dos chefes de estados serão consideradas neste ensaio, reflexões serão elaboradas, frente ao cenário da pandemia, de maneira que possam oportunizar subterfúgios para despertar a racionalidade entre, sobretudo, os mandatários do planeta, neste momento sócio-histórico estarecedor e ameaçador.

“Homem-massa”

Com o advento das revoluções industriais e tecnológicas, sobretudo entre os séculos XVIII e XX, a produção em massa de produtos e serviços permitiu que o indivíduo da classe média, filho da sociedade das massas, tivesse as oportunidades que seus antepassados não tiveram. Assim, como acreditava viver na “melhor das eras” por ter o acesso facilitado a produtos e serviços, esse indivíduo começa a manifestar uma ingratidão exagerada. A partir dessa crença equivocada de que o progresso é uma dádiva inevitável, a ação desse novo indivíduo pós-revolução se acomoda. Ele espera que os outros façam por ele.

Para Ortega (1987), essa concepção do progresso natural constitui sociedades de mimados e “filhinhos do papai” que sempre entendem que seus problemas serão resolvidos pelos outros. Essas sociedades estão inseridas em um processo de produção e consumo

² Também traduzido por “homem-nobre” e “homem-excelente”.

em larga escala, além de estar em harmonia com modelo estabelecido de comportamento social generalizado, o que as tornam acrílicas e inautênticas. A individualidade é sobreposta pelas determinações genéricas do mundo social massificado. Conseqüentemente, a impotência, a acriticidade e a dirigibilidade da sociedade massificada expandem na medida em que novas e mais posses que lhe são fornecidas (HORKHEIMER & ADORNO, 2002). Eis o princípio do conceito “homem-massa”, cunhado pelo filósofo espanhol em 1926, no livro *A Rebelião das Massas*. Ortega (2010) define a ação do homem numa sociedade massificada com os seguintes dizeres:

Existe um fato que, para o bem ou para o mal, é o mais importante na vida pública europeia da hora presente. Esse fato é o advento das massas ao pleno poder social. Como as massas, por definição, não devem nem podem dirigir sua própria existência e, menos ainda, dirigir a sociedade, quer dizer que a Europa sofre agora a mais grave crise que povos, nações e culturas podem padecer. Essa crise sobreveio mais de uma vez na história. Sua fisionomia e suas conseqüências são conhecidas. Também se conhece seu nome. Se chama a rebelião das massas. (ORTEGA Y GASSET, 2010, p.375).

Vale ressaltar que, mesmo há quase 100 anos depois que essa discussão filosófica foi feita por Ortega, os exemplos que serão usados mais adiante neste ensaio apontarão que a existência de homens-massa continua se propagando, principalmente, e infelizmente, nos cargos do mais alto escalão de alguns governos.

A angústia que se desdobra dessas desgovernanças é o fato de que, em meio a uma pandemia sem precedentes na contemporaneidade, a ação responsável dos chefes de estado é central para a contenção da doença. Heleno (2019, p. 218) assombra ainda mais o cenário atual e as esperanças ao asseverar que “*homem-massa é aquele que se acomoda na ausência de um projeto livre e autêntico, flertando com projetos autoritários*”. O momento sócio-histórico demanda projetos autênticos, colaborativos, democráticos e participativos, principalmente com a comunidade científica e as autoridades de saúde do mundo todo.

Inimigo consciente de sua singularidade, uma vez que se vê igual a todo mundo, numa sociedade massificada, por mais que seja absolutamente incapacitado, para Heleno (2019), pautado em Ortega y Gasset (1987), o homem-massa acredita que está apto para assumir a vida de uma sociedade inteira. Presente na elite econômica, entre os intelectuais, bem como entre os mais ricos e os mais pobres, com uma forma equivocada de ver o mundo, o homem-massa é acrílico e, portanto, não consegue perceber sua atuação no mundo. Ortega y Gasset (1987) define o homem-massa com as seguintes palavras:

É o homem previamente esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas

“internacionais” (...) só tem apetites, pensa que só tem direitos e não acha que tem obrigações: é um homem sem obrigações de especialização (ORTEGA Y GASSET, 1987, p. 435)

Sem esforço prévio para fundamentar suas ideias, o homem-massa acredita que tem o direito de ter opiniões sobre os mais diversos assuntos, o que o faz entender que é intelectualmente completo e pleno. Não admite nada de diferente além desse repertório que formou. Mesmo numa época com grandes avanços de desenvolvimento tecnológico e científico, esse tipo de indivíduo desdenha os princípios da ciência.

O homem-massa não quer ouvir, sequer dar razão a alguém. Também não quer ter razão, mas apenas impor o seu ponto de vista. Assim, intervém em tudo, com imposições decorrentes da sua vulgar opinião, sem considerações, contemplações, reflexões, trâmites, tampouco reservas. De acordo com Heleno (2019), o diálogo é fulcral para que as ideias sejam expostas ao crivo de discussões. Renunciar o diálogo implica em enjeitar a cultura. A imposição de princípios, sem fundamentos, beira o estado ditatorial. O homem-massa se comporta como tal porque o seu objetivo é ser aceito pelos demais da sociedade massificada para encaixar-se nas determinações genéricas do mundo social padronizado. Ignora a multidiversidade e pluralidade de ser, viver e agir na sociedade.

Ortega compara o homem-massa a um fascista que é obstinado em realizar algo que não tem conhecimento e, portanto, *a priori*, que não poderia ser feito. Simula com ações e falácias que tem fundamentos adequados para conseguir satisfazer o seu desígnio. De posse de uma impressão nativa e radical, o homem-massa concebe a vida como um fortuna fácil, desprovida de limitações trágicas. Ciente e conformado com sua mediocridade, o homem-massa reivindica os seus direitos, mas se furta de seus deveres. Ignora o esforço hercúleo de gerações passada apenas para elevar o nível de sua existência. Sem ambição, o homem-massa não se esforça, tampouco compete. Satisfaz-se em fazer parte da massa.

O homem-massa desconhece a civilização em que nasceu e que nela vive. Também não se preocupa com sua cultura e sua educação, caminhos possíveis para deixar essa condição de vulgaridade, ignorância e inautenticidade. *“O homem-massa não aceita as regras do jogo, as normas colocadas pela sociedade, que são os princípios da cultura”* (HELENO, 2019, p. 225). Inerte, ele é incapacitado de resolver os problemas atuais, uma vez que a falta de conhecimento histórico e científico, o baixo nível cultural e a completa ignorância dos fatos limitam sua ação. Sua sensação íntima de domínio o incita constantemente a exercer predomínio. Em tempos de pandemia, quando debates em busca

de soluções balsâmicas são centrais, a postura prepotente do homem-massa pode redundar em calamidades incontornáveis. Um ato de maturidade, que deveria ser a prerrogativa de líderes mundiais, pressupõe conviver com a diferença, com a contrariedade e com os questionamentos. Os atritos decorrentes dessa dinâmica oportunizam resiliência, bem como a resignificação da personalidade e do caráter. Com a força epistemológica tibia, o homem-massa não participa desses embates retóricos.

Como para a indústria cultural, o lucro orienta a produção, desagradar a sociedade massificada pode comprometer a sobrevivência desse tipo de produção e distribuição de bens simbólicos. Portanto, o indivíduo genérico, ou na perspectiva orteguiana, o “homem-massa”, é central como ser consumível. Dessa forma, a hipótese da massificação operada pela Indústria Cultural, feita pelos teóricos da Escola de Frankfurt, e com a hipótese do surgimento do homem-massa, de José Ortega y Gasset, é iminente.

Ortega y Gasset (1987) recomenda o desenvolvimento de modelos de conduta por meio do diálogo para tentar reverter essa intransponibilidade da conduta do homem-massa. O filósofo espanhol também defende a revolta pessoal contra a consciência coletiva para manter o indivíduo na sua posição privilegiada e singular, inerente a cada ser, pela sua capacidade de trabalhar com esmero, construir e se esforçar para transformar sua vida. Para Heleno (2019, p.218), o homem-massa se torna homem-nobre “*se enfrenta todas as resistências que o impedem de realizar o seu projeto*”.

“Homem-especial”

Para Ortega, o homem-especial se impõe enormes demandas, com tarefas difíceis e árduas responsabilidades. Apela para uma norma além e superior a ele, a cujo serviço se coloca espontânea e totalmente. Tem consciência que é incompleto e sua contingência é limitada (HELENO, 2019). Defensor do valor próprio de cada ser humano, o homem-especial também sabe que os seus direitos são decorrentes de conquistas de muito esforço e esmero. Ortega y Gasset (1987, p. 45) define esse homem da seguinte maneira:

quando se fala de minorias especiais, a habitual má-fé costuma distorcer o sentido dessa expressão, fingindo ignorar que o homem-especial não é o petulante, que se julga superior aos outros, mas o que exige mais de si mesmo que a maioria, ainda que não consiga atingir essas exigências superiores. (ORTEGA Y GASSET, 1987.p 45)

Com grande apreço pela formação cultural e intelectual, o homem-especial prima pela ética, bem como pela vida autêntica. Portanto, os valores, as convicções, os posicionamentos da comunidade são elementos inspiradores para o homem-especial

elaborar projetos com afinco, que vão além de inclinações pessoais (HELENO, 2019). Frente a uma sociedade massificada, é razoável afirmar que apenas uma minoria qualificada é constituída por esse tipo de indivíduo. Assim, trata-se de uma elite cultural que, sem grandes pretensões para posses monetárias, oportuniza circunstâncias para a reflexão e para a construção de novos sentidos, principalmente a partir da contribuição de opiniões diversas. Ou seja, a atitude do homem-especial permite que a realidade humana seja enfrentada exatamente como a vida é: adversa, incerta, fluida e líquida³ (BAUMAN, 2007), bem como complexa⁴ (MORIN, 2000). Como diria Karnal (2018, p.27) “*nunca podemos confiar em nenhum idílio perene enquanto respiramos*”. Ortega (1987) diferencia o homem-especial do homem-massa da seguinte forma:

A multidão, de repente, tornou-se visível, instalou-se nos primeiros lugares da plateia da sociedade. Dantes, se existia, passava despercebida, ocupava o fundo do cenário social; agora passou para a boca de cena, é ela a personagem principal. Já não há protagonistas: só há coro./ O conceito de multidão é quantitativo e visual. Traduzamo-lo, sem o alterarmos, à terminologia sociológica. Encontramos então a ideia de massa social. A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois factores: minorias e massas. As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas (ORTEGA Y GASSET, 1987.p 41).

Buscando sempre algo que o transcende, o homem-especial demanda muito de si mesmo. Não se dá facilmente por satisfeito e entende que suas opiniões e seu conhecimento não são perfeitos ou acabados. Ao contrário, sua atitude nobre é direcionada para uma vida dedicada à superação, com intuito de prestar serviços à comunidade com marcas históricas, pautado na moral, no esmero e na racionalidade.

“Líderes-massa”

Em meio aos feitos e dizeres estapafúrdios em tempos de pandemia, além do negacionismo em relação à gravidade da moléstia, este ensaio destaca os seguintes líderes com características do homem-massa (ORTEGA, 1987, 2010): Alexander Lukashenko (Bielorrússia), Daniel Ortega (Nicarágua), Donald Trump (Estados Unidos), Gurbanguly Berdimuhamedow (Turcomenistão), Bolsonaro, (Brasil), Kim Jong-um (China),

³ Bauman (2007, p. 7) define a vida líquida como “a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam”.

⁴ Morin (2000, p.387) define a complexidade como “parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e polilógicas e, com isso, enfrenta a contradição por várias vias”.

Narendra Modi (Índia), Recep Tayyip Erdogan (Turquia), Viktor Orbán (Hungria) e Vladimir Putin (Rússia). Na sequência, há uma descrição das atitudes e de alguns enunciados feitos por esses líderes, no que se refere à pandemia, que os qualificam como líderes-massa, na perspectiva orteguiana.

Alexander Lukashenko

Para o líder bielorrusso Alexander Lukashenko, que denomina o momento ameaçador como coronopsicose, o melhor agente imunizante para o coronavírus é praticar um esporte no gelo e ir à sauna uma ou duas vezes por semana. Além desses opróbios retóricos, o ditador também sugere que os cidadãos da Bielorrússia lavem as mãos com vodca e consumam entre 40 e 50 mililitros do destilado para aniquilar o vírus. Também profetizou que não haveria nenhum caso letal de COVID-19 sob o seu comando. Nesse mesmo dia, já havia um rastro de 29 mortos registrados. O ditador, com carreira militar, historiador e economista, também prega nas igrejas lotadas que o vírus só acomete os fracos que não possuem imunidade. Seus estultos dizeres revelam o quão está imensamente despreparado e equivocado no que tange aos estudos científicos, quando o adversário é invisível. Segundo a OMS, o isolamento social, o uso de máscaras e álcool gel, bem como a testagem em massa são as medidas mais eficazes contra a COVID-19.

Alexander Lukashenko, no comando do país desde 1994, agrônomo e ex-diretor de uma propriedade rural coletiva (kolkhoz), é ex-burocrata do Partido Comunista da União Soviética e venceu a oposição nos últimos cinco pleitos. Como prática de um líder-massa, o comércio, bares e restaurantes, além das escolas do país não tiveram restrições, tampouco o campeonato bielorrusso de futebol. Dentre as divisões de elite da Europa, a liga do país foi a única que continuou na ativa.

Daniel Ortega

Com falta de transparência, interesse e pelo descaso para gerir o combate à doença, o ditador Daniel Ortega, da Nicarágua, só começou a atuar no combate à pandemia 40 dias depois de confirmar o primeiro caso. De uma forma negligente, não confiável e pouco diáfana, informou que havia apenas 15 casos e cinco mortes pela COVID-19. Na contramão, o Observatório Ciudadano, site oficial administrado por organizações e cidadãos nicaraguenses em geral, por sua vez, declara que muito mais pessoas foram infectadas e morreram pela Covid-19. Os médicos e outros profissionais da saúde, que contestaram os dados anunciados pelo Ministério da Saúde, foram demitidos e perseguidos.

Depois de 32 dias de omissão, Ortega, no poder desde 2007, reapareceu em cadeia nacional para reafirmar que uma quarentena, fortemente defendida por epidemiologistas, autoridades sanitárias e empresários, arruinaria o país e sua economia. Contrariando as recomendações da OMS, o ditador nicaraguense, que mal terminou o ensino fundamental, nega a gravidade da COVID-19 ao incentivar a aglomeração e promover procissões religiosas, festas, festivais e campeonatos de boxe.

Donald Trump

Michael Sandel, um dos filósofos americanos mais celebrados da atualidade, criticou veementemente a maneira como o Presidente Donald Trump subestima o perigo avassalador da moléstia e desafia as autoridades sanitárias, bem como os governadores dos estados, em relação ao isolamento social. No pedestal da sua prepotência, característica do homem-massa (ORTEGA, 1987, 2010), o chefe de estado americano, com carreira militar e economista, vociferou sua autoridade absoluta e incontestável, calcado na máxima que “é o presidente da lei e da ordem”, para mandar os cidadãos voltarem ao trabalho e os alunos à escola, mesmo contrariando a base democrática da Constituição Americana.

Tratando os aliados internacionais com total desinteresse e desdém, o mandatário americano removeu os Estados Unidos da Organização Mundial da Saúde (OMS) à sua revelia. O twitter presidencial normalmente é o palco das habituais estultices para, por exemplo, culpar a China por não ter controlado a propagação do vírus, da mesma maneira para se enaltecer como o presidente da ‘lei e ordem’ e propagar outros despautérios como o fim do vírus com a chegada do verão e zombar de quem usava máscara. Injetar desinfetante dos acometidos pelo vírus e profetizar que a doença desapareceria como um milagre foram outras pletoras de falas irracionais da desgovernança norte-americana. *Shame*.

Gurbanguly Berdimuhamedow

Na lanterna do ranking de liberdade de imprensa feito pela ONG Repórteres Sem Fronteiras (RSF), o Turcomenistão, país da Ásia Central, com 5,8 milhões de habitantes, vangloriou-se equivocadamente que não havia casos de Covid-19 em seu território. O que intriga é que o país, governado pelo ditador Gurbanguly Berdimuhamedow, é vizinho do Irã, que registrou por volta de 44 mil infectados e quase 3 mil mortes, sendo uma das nações asiáticas mais afetadas.

Em meio à pandemia do novo coronavírus, o governo do país decidiu coibir o uso do nome da doença em publicações oficiais, notícias da mídia estatal, brochuras que vinham sendo distribuídas pelo governo em hospitais e escolas para incentivar a população a combater o vírus, ou em comezinhas conversas diárias da população castigada. Agentes do governo prenderam os contraventores. No Turcomenistão, a internet é estritamente controlada e o acesso a sites independentes é censurado. Os estrangeiros têm restrições para adentrar no país.

Gurbanguly Berdimuhamedow, 63, dentista com PhD em ciências médicas, que governa o país desde 2007, foi ministro da Saúde do seu antecessor, o também ditador Saparmurat Niyazov. Seus hábitos excêntricos e nababescos, quase obsessivos, por cavalos (Figura 1), carros de luxo e vídeo clipes com estética deram-lhe notoriedade. Conhecido por "pai protetor" do país, é retratado pela mídia estatal, claro, como atleta, compositor e autor de romances. Numa eleição de fachada de 2017, Berdimuhamedow amealhou mais um mandato presidencial, com 97,69% dos votos, de acordo com a apuração do governo.

Figura 1 – Berdimuhamedow segura cachorro nas festividades do Dia do Cavalo



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/08/boatos-sobre-morte-de-ditador-revelam-um-turcomenista-fechado-como-a-coreia-do-norte.shtml>.

Jair Bolsonaro

Desde o início da pandemia, as descabidas condutas do Presidente do Brasil têm se volumado. Em vez de mostrar a sua autoridade, por exemplo, frente à altura do cargo que tem, com nortes mais eloquentes para defender a frágil democracia e com doses mastodônticas de prudência no combate à pandemia, o Presidente Jair Bolsonaro tem prestigiado manifestações de simpatizantes pela ditadura militar e contra as ações do Supremo Tribunal Federal (STF) e o Congresso, como a Figura 2 abaixo ilustra. Com um tom inevitavelmente beligerante e um comportamento belicoso, é comum ouvir do mandatário alusões aos tempos de chumbo autoritários da ditadura e à tortura, flertando explicitamente com militarismo. Dessa forma, o direito à liberdade de expressão para impor preceitos autoritários toma corpo. Qualquer forma de censura impossibilita o desenvolvimento do pensamento crítico. Coibir a liberdade de expressão é agir em prol da massificação e contra as leis da natureza, no que diz respeito à inexorável diversidade do pensamento humano. Desprezar a multidiversidade, como apregoa Ortega (1987, 2010), é uma das idiossincrasias do homem-massa que age como tal com o intuito de se harmonizar com ordem genérica do mundo massificado.

Assim como o presidente Americano, Bolsonaro também rejeitou as orientações de alguns governadores dos estados em relação ao isolamento social. Como esse comportamento desastroso não bastasse, ao repelir as orientações da ciência, dois Ministros da Saúde pediram demissão em menos de 30 dias. No mais, Bolsonaro não participou da reunião entre os presidentes dos países da América do Sul para discutir ações contra a COVID-19. Também não colaborou com uma força-tarefa mundial para agilizar a criação da vacina. E ainda usou, como bandeira política, a cloroquina como bálsamo para a doença, sem bases científicas de eficácia contra o vírus.

Desrespeitando a sociedade, o governo federal também quis usurpar a contagem oficial dos vitimados pela moléstia. Apoiado no sentimentalismo e na fé, o presidente se apega a teorias mais palatáveis em detrimento dos estudos científicos, postura peculiar do homem-massa (ORTEGA, 1987, 2010). Com uma retórica populista, e preocupado com os danos da pandemia em relação à sua popularidade para a reeleição de 2022, Bolsonaro atrai multidões desencantadas com a política tradicional, mesmo não tendo compromisso com a verdade e a ética.

Ainda que contaminado pelo coronavírus, desdenhando da sua imagem globalmente tisonada, minimizou a magnitude da doença e, no afã de se apresentar como

um ser humano acima da média, novamente fez propaganda duvidosa das propriedades da cloroquina e ofendeu a saúde alheia num tom arrogante e negacionista.

Assim, com discursos exacerbados, gestos autoritários e ataques sistemáticos à imprensa, além dos abraços populares sem usar máscara, o presidente brasileiro, formado na Academia Militar das Agulhas Negras, provoca aglomerações e faz insultos às instituições e ameaças ao meio ambiente.

Figura 2 - Bolsonaro cumprimenta apoiadores em ato pela volta da ditadura em Brasília



Fonte: <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/politica/2020/05/740299-bolsonaro-cumprimenta-apoiadores-em-ato-em-brasilia.html>

Kim Jong-un

Gabando-se de sua liderança impecável, Kim Jong-un, com carreira militar e graduado em física, no seu pedestal fleumático, alega que nenhum cidadão norte-coreano foi acometido pelo patógeno que causa a COVID-19. Como a Coreia do Norte faz fronteira com a China e a Coreia do Sul, segundo o site NK News⁵ e outros analistas, é difícil acreditar nessa declaração do ditador. Uma vez que o país está totalmente fechado desde o dia 30 de janeiro de 2020, não há como comprovar tal afirmação. Severas restrições foram impostas para entrar ou deixar o país do ditador.

O propósito de Kim Jong-un é passar uma imagem de salvador dos norte-coreanos, já que a pandemia assola e dizima vidas no mundo afora, atingindo mais de 180 países. Como a Coreia do Norte é governada por um regime autoritário sem a garantia da liberdade de expressão e de imprensa, o que acontece dentro do país fica sob as trancas de um sistema altamente hermético. O líder-massa norte-coreano, pela perspectiva de Ortega (1987, 2010), age dessa forma porque o seu intuito é ser aceito e exaltado pelos cidadãos para justificar e solidificar suas ações governamentais, de modo a consolidar

⁵ <https://www.nknews.org/2020/07/kim-jong-un-reappears-at-politburo-meeting-on-covid-19/>

uma sociedade padronizada, como a Coreia do Norte. Calçado em Heleno (2019), presume-se que o líder ditatorial está apto para assumir a vida de toda sociedade norte-coreana, como já discutido previamente.

Narendra Modi

Líder de um país de 1,3 bilhão de habitantes, Narendra Modi, em meados de março de 2020, impôs uma exigente quarentena sem precedentes. Aparentemente uma atitude de um homem-especial (ORTEGA, 1987, 2010) com tarefas difíceis e árduas responsabilidades, neste momento pandêmico na Índia, um país de superlativos, com uma vasta população de miseráveis e serviços de saúde precários.

No entanto, autoritário e ultranacionalista, não afeito a ouvir os outros, o que é uma peculiaridade do homem-massa (ORTEGA, 1987, 2010), Modi, com mestrado em ciências políticas, decretou de uma forma repentina o fim do isolamento, mesmo com o número de casos letais por COVID-19 em ascensão. O objetivo era reativar a economia que, segundo especialistas em economia, deverá derreter 45% no segundo semestre. Sem planejamento, o líder-massa indiano, somente em maio retrasado, anunciou um amparo financeiro na ordem de 270 bilhões de dólares, quando a Índia tristemente já acumulava mais de 20 mil mortes.

Assim como os estapafúrdios dizeres do líder da Bielorrússia, Alexander Lukashenko, o primeiro-ministro indiano recomendou a prática da milenar ioga para fortalecer a imunidade. Narendra Modi se dirige às massas valorizando o hinduísmo, prática religiosa seguida por quase 80% da população indiana, de uma forma populista e verborrágica. Retórica semelhante usada pelo presidente do Brasil.

Recep Tayyip Erdogan

Apesar de ter doado 7 meses de salário para a campanha contra a COVID-19, no início da pandemia, Erdogan apenas encorajou a população a fazer o isolamento voluntário. Somente os turcos com mais de 65 anos de idade deveriam permanecer em casa, já que são os cidadãos do grupo mais vulnerável. Com essa medida branda para o isolamento social, os casos de contágio aumentaram substancialmente na Turquia, que se tornou no terceiro foco da pandemia de COVID-19 no mundo.

No começo da pandemia, convicto que a economia não poderia parar, Erdogan, supostamente formado em economia (há rumores que só terminou os estudos secundários), negou veementemente a existência do coronavírus no país durante algumas semanas. Na tentativa de controlar a narrativa sobre a crise sanitária, o governo turco

mandou prender centenas de pessoas por postarem nas redes sociais “mensagens provocativas” acerca da doença, acusados de disseminar o pânico. Ali Cerkezoglu, da Associação Médica da Turquia, afirmou que há um monopólio criado pelo governo para ocultar os fatos. Acrescenta ainda que “*médicos, enfermeiros e profissionais de saúde se acostumaram a isso nos últimos 20 anos*”⁶.

No entanto, frente aos números letais pela moléstia, o mandatório turco proibiu a circulação de menores de 20 anos, bem como instituiu a obrigação do uso de máscaras nos mercados. Atribuindo cobertura insuficiente ao sistema de saúde nos países ocidentais, acusou os EUA e a Europa como responsáveis pela expansão do coronavírus no país turco. Depreende-se dessa acusação que Erdegon não quer ouvir, tampouco dar razão a alguém, característica do homem-massa (ORTEGA, 1987, 2010). Acrítico, parece que quer somente firmar sua ótica sobre a propagação da doença, bem como concentrar mais poder com a sociedade mais vulnerável frente à pandemia.

Viktor Orbán

Com vistas ao aumento de poder, no final de março de 2020, Viktor Orbán, numa atitude arbitrária, estendeu o estado de emergência devido à indefinidamente para reduzir poderes do Parlamento. Dentre outras medidas do projeto antidemocrático, havia reguladores sociais como penas de até cinco anos de prisão para os cidadãos que publicassem informações sem fundamentos contra o governo no combate do coronavírus. Governando o país por decretos apenas, a democracia na Hungria fraquejou, permitindo um flerte entre a democracia e o autoritarismo.

Como Heleno (2019) advoga, o diálogo é central para que novas concepções sejam submetidas à apreciação de discussões e debates. Contestação de ideias e ideologias não se trata de meros jogos retóricos ociosos, sem sentido. Pelo contrário. São berços de ideias decorrentes de reflexões sobre fatos que podem se transformar em força material para se prospectar e estruturar mudanças.

Com a maioria no Parlamento, Orban, formado em direito, no seu poder executivo, solapa o Legislativo no que diz respeito aos debates democráticos necessários para a governança do país. Essa renúncia da discussão em detrimento da imposição de ideologias faz com que o país se avizinha com o estado ditatorial.

Vladimir Putin

⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52358420>

Com a anunciada – e questionada - taxa de letalidade de apenas 0,9% em relação aos afetados pelo coronavírus, no começo da pandemia, Vladimir Putin, graduado em direito, se envaideceu de sua gestão, mesmo enfrentando o vergonhoso índice de popularidade de 59%. O que aturde os especialistas é como a façanha é alcançada, uma vez que o sistema de saúde russo é azo de demérito. Na Espanha, França, Itália e Reino Unido, países com redes de hospitais e clínicas muito mais evoluídas que a Rússia, os indicadores de mortes já passavam da ordem de dois dígitos.

A razão para tal proeza é que, a mando do governo, os atestados de óbitos só tinham *causa mortis* COVID-19 se não houvesse nenhuma moléstia crônica prévia. Ademais, Putin, que está no comando do país há mais de 20 anos e poderá ficar até 2036 no Kremlin, cominado pela dissolução da economia, autorizou o relaxamento do isolamento social no zênite da pandemia, bem como o retorno de voos domésticos e a volta dos campeonatos de futebol. A retomada do funcionamento das indústrias pesadas, de construção, da agricultura, dos transportes e de energia também foi liberada.

Como num conúbio, nota-se que os líderes-massa se consideram perseguidos, não são empáticos com as vítimas da COVID-19 e têm atitudes que conduzem à divisão, ao silêncio, à unilateralidade, à concentração de poder e decisões, sem respaldo científico ou coletivo, e ao acobertamento dos fatos. Comungam os traços comuns do homem-massa, como discute Ortega (1987, 2010). Na qualidade de aventureiros ideológicos e donos da razão, essa irracionalidade dos líderes-massa, em relação à negação da gravidade da COVID-19, é possivelmente decorrente da psicologia de massas, a plastificação das mídias sociais e do vácuo da massificação das sociedades, de modo geral, que reinam nos tempos modernos.

“Líderes-especial”

Com prestígio mundial, os reinados majoritariamente femininos preconizam uma era de prosperidade, segurança, racionalidade, estabilidade e saúde, mesmo em tempos de pandemia, como revela a Figura 3 abaixo. Angela Merkel (Alemanha), Erna Solberg, (Noruega), Jacinda Ardern (Nova Zelândia), Katrin Jakobsdóttir, (Islândia), Mette Frederiksen (Dinamarca), Sanna Marin (Finlândia) e Tsai Ing-wen (Taiwan), são os destaques de líderes-especial no que se refere a gestões competentes e racionais da crise sanitária ocasionada pelo coronavírus. O presidente Alberto Fernández, da Argentina, também faz parte desse rol ilustre de gestores eficientes. A seguir, os feitos e as condutas

desses líderes são descritos de modo que os enobrecem como líderes-especial, na ótica de Ortega (1987, 2010).

Figura 3 – 5 exemplos de lideranças femininas à frente de algumas das melhores estratégias no combate ao coronavírus



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52376867>

Alberto Fernández

Sob pena de multa equivalente a 7000 reais, ou prisão, o governo argentino Alberto Fernández impôs, no dia 20 de março de 2020, uma rigorosa quarentena de 2 meses, sobretudo em Buenos Aires. Mais de 80% dos casos de contágio do coronavírus se concentravam na capital. Como resultado, a cidade portenha mais populosa da nação, de uma vida noturna bem intensa, registrou 60% de leitos vagos nas Unidades de Terapias Intensivas (UTIs) e menos de um óbito por cada 100.000 habitantes.

Mais particularmente, as severas medidas de isolamento se traduzem em uma movimentação hipercontrolada de pessoas. De máscaras, os portenhos podiam somente deixar o lar por no máximo 1h, num raio de 500 metros. Também deviam se ater ao número final do documento de identidade para sair em dias pares ou ímpares. O governo também reduziu pela metade a velocidade dos automóveis na cidade e alargou algumas calçadas e ruas para uso exclusivo dos pedestres. Os celulares de motoristas foram rastreados para que não desrespeitassem o confinamento.

As falas do peronista Fernández, professor de Direito na Universidade de Buenos Aires há mais de 30 anos, em relação à pandemia sempre priorizam a vida humana. Preocupado com a desigualdade social, o mandatário da Argentina tem se pronunciado nas mídias de maneira que haja uma reflexão sobre o sistema capitalista. Ao dizer “*a pandemia deixou evidenciado que o capitalismo como conhecemos não tem sentido. É*

muita desigualdade, deixa à margem da sociedade milhões de compatriotas”⁷, depreende-se que o presidente estava mais preocupado com vidas em detrimento da saúde da economia argentina, mesmo amargando uma recessão há mais de 2 anos e uma dívida de 323 bilhões de dólares. Como um líder-especial, Fernández discursa em defesa do valor próprio e ímpar de cada ser humano.

Angela Merkel

À frente da Alemanha há mais de 15 anos, Angela Merkel, doutora em química quântica, com 79% de aprovação dos alemães, pautada por tecnologia de ponta e serviços médicos de altíssima qualidade, tem mostrado excepcionais atos de coragem e de luta contra a pandemia. Como presidente a União Europeia, além de ter anunciado um aporte financeiro mais de 500 bilhões de euros para os países mais afetados pela pandemia do sul da Europa, Merkel conteve o contágio do vírus na Alemanha, reduziu a cifra dos casos letais e, assim, atenuou o sofrimento vistos na vizinha França.

Característico do homem-especial (ORTEGA, 1987, 2010), que tem grande respeito e estima pela formação cultural e intelectual, as ações da chanceler da Alemanha, primeira mulher a ocupar a chefia do governo federal, são submetidas antes a reflexões a partir de estudos, de projeções de riscos e avanços, bem como de critérios essencialmente técnicos, no que diz respeito ao cenário mundial da COVID-19.

Erna Solberg

Graduada em economia, estatística, ciências políticas e sociologia pela Universidade de Bergen, a primeira-ministra da Noruega, Erna Solberg, estabeleceu medidas rigorosas desde o estágio inicial do surto, em 26 de fevereiro de 2020, quando o primeiro caso nacional de COVID-19 foi detectado.

Usando-se de uma ideia inovadora e prática, Solberg usou a televisão para se dirigir aos jovens noruegueses. Numa conferência à imprensa, proibiu a participação de adultos para conversar apenas com as crianças sobre os meandros da doença. Como líder-especial, é importante ressaltar a preocupação e a atitude de Solberg em relação à orientação aos cidadãos, de modo que eles se sentissem amparados e acolhidos pela mandatória máxima da nação.

Também de forma revolucionária e tecnológica, baseada em pesquisas, a governança norueguesa, que como o homem-especial não se satisfaz facilmente e tem

⁷ <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/06/valor-da-vida-afirma-alberto-fernandez-pandemia/>

uma vida dedicada à superação (ORTEGA, 1987, 2010), lançou um aplicativo para limitar a propagação do vírus. Mensagens são enviadas para os usuários caso estejam por mais de 15 minutos a menos de dois metros de um indivíduo infectado, certamente, com a sua identidade velada.

Jacinda Ardern

Com uma retórica clara e pontual, pautada em dados obtidos por pesquisadores e aconselhada por cientistas de universidades locais, como a Figura 3 abaixo ilustra, a primeira-ministra neozelandesa estabeleceu como meta erradicar o coronavírus, por meio de uma das mais fortes quarentenas em todo o mundo, dentre outras ações. Além do radical *lockdown* em toda a nação e do fechamento de fronteiras, mesmo com baixíssimas cifras de casos letais, Jacinda Ardern intensificou a quarentena no país e a testagem em massa, com base na premissa que a vida se sobrepõe ao lucro e à alienação de poderes concentrados.

Figura 3: Jacinda em coletiva sobre o coronavírus



Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2020/04/coronavirus-primeira-ministra-da-nova-zelandia-da-aula-s-como-governar-em-meio-ao-caos/>

Com 41 anos, formada em comunicação social, Ardern reduziu 20% dos seus proventos e dos ministros por seis meses, devido aos momentos difíceis decorrentes da pandemia. Em solidariedade aos que tiveram a renda afetada pela moléstia, também concedeu benefícios financeiros e anunciou a suspensão hipotecária de seis meses. Medidas de apoio financeiro para proprietários de empresas impactadas pela quarentena também foram divulgadas pela primeira-ministra neozelandesa.

Certamente, trata-se de uma nação insular, pequena e rica, com apenas 5 milhões de pessoas. A gestão de uma pandemia que assola o mundo tende a ser muito mais simples num país como a Nova Zelândia. No entanto, a maneira como Jacinda Ardern abraçou e administrou a causa é motivo de júbilo.

Katrin Jakobsdóttir

Sob a governança da primeira-ministra Katrín Jakobsdóttir, a Islândia, país também insular, com pouco mais de 360.000 habitantes, testou gratuitamente todos os cidadãos para a COVID-19. Por ser pequena e, portanto, *a priori*, de fácil controle, a nação também estabeleceu um sistema para localizar e isolar todos os infectados pelo coronavírus, o que impediu o isolamento completo. As escolas, por exemplo, não foram fechadas.

Katrín Jakobsdóttir, 42, mestra em artes pela Universidade da Islândia, integrante do partido Movimento de Esquerda Verde, disponibilizou os dados sobre a pandemia como objeto de pesquisa para investigar os verdadeiros números de disseminação e mortalidade da COVID-19, segundo a epidemiologista islandesa Kristjana Asbjornsdottir, professora da Universidade de Washington, nos Estados Unidos. Nota-se, assim, como o homem-especial (ORTEGA, 1987, 2010) e, dessa forma, uma líder-especial, o mérito que Katrín Jakobsdóttir atribui aos conhecimentos científicos sobre a moléstia.

Mette Frederiksen

Ex-ministra da Justiça e primeira-ministra da Dinamarca desde 2019, Mette Frederiksen também reagiu prontamente com o estabelecimento do isolamento social, mesmo sem ter nenhum caso de diagnóstico de COVID-19 registrado.

Com as fronteiras do país totalmente fechadas, Frederiksen, formada em administração e ciências sociais, com mestrado em estudos africanos, também se valeu da mesma dinâmica da Noruega para conversar com os jovens dinamarqueses sobre a pandemia.

Com mais de 10 mil testes diários de diagnóstico para o coronavírus, há também um órgão governamental que é responsável por garantir a distribuição de material de proteção contra o vírus. Além disso, Frederiksen, numa atitude nobre, típica do homem-especial (ORTEGA, 1987, 2010), doou ventiladores para a Itália, além de 1 milhão de coroas.

Sanna Marin

A jovem primeira-ministra de 35 anos, formada em Administração na Universidade de Tampere, Sanna Marin, pautada no fato de que nem todos leem a imprensa tradicional, encorajou influenciadores digitais de qualquer idade a divulgar informações, desde que baseadas em fatos científicos, sobre o gerenciamento da pandemia. Como uma líder-especial, Marin recorre às informações técnicas sobre a moléstia na sua gestão contra a crise sanitária.

Valendo-se da Agência Nacional de Suprimentos de Emergência, órgão governamental finlandês, cujo objetivo é enfrentar crises de qualquer natureza, a mandatária do país disponibilizou suprimentos e equipamentos médicos necessários para cuidar dos acometidos. Ademais, com uma taxa de 85% de aprovação, Sanna Marin, eleita em 2019, ofereceu testes gratuitos para todos os cidadãos finlandeses, com ou sem sintomas. Além disso, assim como na Islândia, a jovem primeira-ministra também instaurou um sistema integralizado de rastreamento dos infectados, o que possibilitou que as escolas permanecessem funcionando.

Tsai Ing-wen

Com mestrado em Direito pela Universidade Cornell, e PhD. em Direito pela London School of Economics, a presidente de Taiwan, Tsai Ing-wen, assim que soube da eclosão do vírus em Wuhan, na China, decretou rapidamente que todos os cidadãos vindos da cidade deveriam ser testados. Apesar da proximidade com o epicentro do vírus na China, ou seja, pouco mais de 1.000 km, Taiwan registrou baixíssimos casos letais decorrente da COVID-19.

Quando o nível de contágio do vírus ganhou proporções internacionais, a presidente de Taiwan adotou 124 medidas para impedir seu avanço e, assim, o confinamento da população não foi necessário. Dentre as providências, Tsai **bloqueou terminantemente a entrada de pessoas vindas de Wuhan** e de outras cidades da China continental. No mais, proibiu cruzeiros de atracar na ilha na mesma época e, baseada em tecnologia de ponta, também **integrou os bancos de dados** dos seguros de saúde com os das áreas de alfândega e da imigração. **Rastrear por celular a movimentação dos cidadãos vindos das áreas de risco também, bem como estimular a produção local de máscaras foram outras ações cautelares da mandatária.** Além disso, Taiwan enviou milhões de máscaras para os Estados Unidos e Europa.

Tsai Ing-wen tem ao seu lado o seu vice, Chen Chien-Jen, que é epidemiologista e a auxilia na estrutura de um centro de combate a pandemias constituído em Taiwan devido ao surto de Sars, em 2003. Como uma líder-especial, observa-se o valor que a presidente atribui aos conhecimentos científicos e tecnológicos para a luta contra a pandemia.

Considerações finais

Este ensaio objetivou refletir sobre os direcionamentos que algumas das principais lideranças planetárias têm tomado frente à pandemia da COVID-19, a partir dos preceitos filosóficos de Ortega (1987, 2010).

As duas principais concepções teóricas do filósofo espanhol que pautaram este ensaio residem nos conceitos de “homem-massa” e “homem-especial”. Supondo que tenha a plenitude para opinar, a todo o momento, em qualquer cenário e sobre qualquer aspecto, mesmo sem sustentação teórica, científica, racional, ou sequer filosófica, o homem-massa tende a ser limitado e com princípios lúgubres sobre a própria existência e atitudes. Não tem apreço pela cultura e educação ou outros rumos tangíveis para transformar a conjuntura de alienação, vulgaridade, ignorância, opressão e inautenticidade. No mais, o homem-massa apenas impõe o seu ponto de vista, ignorando a riqueza da diversidade de ideias e diferentes ideologias como força material para se oportunizar e estruturar transformações.

Além disso, o homem-massa age para satisfazer o seu ego com ferramentas retóricas que têm argumentos adequados para esse fim apenas. Por satisfazer-se como parte da sociedade massificada, despreza o esmero de desenvolvimento das gerações passadas e, assim, compreende a vida como uma dádiva complacente, destituída de entraves funestos, como a COVID-19.

Paradoxalmente, o homem-especial de Ortega (1987, 2010), conhecedor de sua contingência limitada, é consciente da sua incompletude. Pautado na liberdade de criação, o homem-especial age ativamente com esmero e racionalidade.

Fundamentado em base culturais, intelectuais, filosóficas e científicas, o homem-especial esmera-se em enunciados e ações voltadas para a ética e para a vida autêntica. Valoriza os posicionamentos e pensamentos diversos da comunidade como matizes estruturantes de projetos transformadores. Pela perspectiva do homem-especial, a

realidade humana deve ser enfrentada exatamente como a vida de fato é, isto é, diversa, instável e complexa. O homem-massa faz parte de uma minoria especialmente qualificada (ORTEGA, 1987).

À luz do conceito do homem-massa orteguiano, este ensaio apontou os seguintes líderes mundiais com desgovernanças no período pandêmico: Alexander Lukashenko, Daniel Ortega, Donald Trump, Gurbanguly Berdimuhamedow, Bolsonaro, Kim Jong-um, Narendra Modi, Recep Tayyip Erdogan, Viktor Orbán e Vladimir Putin. De forma geral, a partir de algumas ações desacertadas e de alocações desatinadas desses líderes, nota-se, principalmente, o desdenho por fundamentos científicos relacionados aos estudos da COVID-19, bem como o despreço por avaliações, consensos e entendimentos técnicos da comunidade científica e de outros especialistas, no que tange à moléstia devastadora.

A maioria das condutas desses líderes é feita de forma unilateral, baseada em convicções subjetivas, guiadas para o perpetuamento do poder autoritário. Em decorrência dos limites da liberdade individual e da expectativa de obediência inquestionável da população, uma das mais fortes armas do controle social se instaura: o medo. A partir do cerceamento e da tirania dos líderes-massa, a manipulação em massa se estabelece com o intuito de mudar indiretamente o comportamento e a percepção da sociedade massificada por intermédio de mecanismos dissimulados e insidiosos.

Na outra ponta, os líderes-especial aludidos neste ensaio, preminentemente do gênero feminino, ou seja, Angela Merkel, Erna Solberg, Jacinda Ardern, Katrin Jakobsdóttir, Mette Frederiksen, Sanna Marin e Tsai Ing-wen, são as notoriedades de governanças racionais da crise sanitária decorrente do coronavírus. Alberto Fernández, presidente da Argentina, também faz parte desse louvável elenco.

Aporte e pareceres técnicos acerca da COVID-19, bem como assessoria de profissionais especializados foram os nortes basilares das operações desses líderes mundiais no que se refere à luta contra o implacável patógeno que provoca a doença. Ademais, também se esmeraram em avanços tecnológicos para esse prélio viral, o que imprime apreço por desenvolvimento científico e cultural. Em síntese, a vontade de superar esse cenário pandêmico, sem precedentes na história moderna, e a benquerença pela vida em detrimento da riqueza e da soberba alimentaram as ações dos líderes-especial por governanças que priorizam atenuar a sofrimento e a continuidade da existência

humana, acima de qualquer orgulho e posição subjetiva. A diligência dos líderes-especial é pela nossa sobrevivência.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GRACIA, J. José Ortega y Gasset. Madrid: Taurus, 2014.

HELENO, G. Ortega y Gasset. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

KARNAL, L. O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

MORIN, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

ORTEGA Y GASSET, J. A Rebelião das Massas. Tradução Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ORTEGA Y GASSET, J. Obras completas. Madri: Taurus, 2010